



Semana de 31 de maio a 11 de junho de 2021.

Unidade escolar: EMEF Nícolas Thiago dos Santos Lofrani	
Componente curricular: Língua Portuguesa	
Professora: Raíssa Santos	
Aluno (a):	Série: 9° ano

TEXTOS DE OPINIÃO EM JORNAIS E REVISTAS

Os jornalistas responsáveis pela edição de um jornal analisam diariamente as questões sociais, políticas, econômicas e culturais e escrevem textos opinativos decorrentes dessa análise. Esses textos não são assinados porque eles traduzem o posicionamento do jornal ou da revista. Os editoriais, portanto, traduzem as “linhas editoriais” de cada jornal ou revista, apresentando suas ideologias ou pontos de vista sobre a sociedade.

ATIVIDADES

1. Você se lembra de ter lido um artigo de opinião? Qual era o assunto tratado nele?

2. Você acha que para escrever um artigo de opinião é necessário pesquisar outros textos sobre o assunto a ser tratado? Por quê?

3. Você tem acompanhado as discussões a respeito das cotas para pessoas auto-declaradas pretas, pardas e indígenas em escolas e universidades públicas? Esse é um assunto do seu interesse? Por quê?



Semana de 31 de maio a 11 de junho de 2021.

Unidade escolar: EMEF Nícolas Thiago dos Santos Lofrani	
Componente curricular: Língua Portuguesa	
Professora: Raíssa Santos	
Aluno (a):	Série: 9º ano

ARTIGOS DE OPINIÃO

Diferentemente de uma notícia, um artigo de opinião não divulga um fato. Quem escreve este gênero textual defende um ponto de vista e deseja convencer e persuadir o leitor. A argumentação reúne o convencimento (no plano das ideias) e a persuasão (no plano das emoções). Por isso, o autor, ao apresentar provas, apontar evidências, citar causas e efeitos, dar exemplos, mencionar especialistas no assunto, pode construir argumentos, buscando influenciar a opinião do leitor e até mesmo transformar sua posição e seu comportamento em relação ao tema.

O/a autor/a de artigo de opinião geralmente é um/a especialista que estuda o assunto ou trabalha com ele; ou pode ser um/a representante de uma instituição social, como universidades, Organizações Não Governamentais (ONGs), órgãos do governo, sindicatos e empresas. De alguma maneira, ele/a tem algo a dizer sobre o tema relacionado à sua área e apresenta argumentos com base em seu conhecimento para sustentar determinada posição.

Já os/as leitores/as de artigo de opinião, em geral, são pessoas que costumam ler notícias e reportagens e se interessam por conhecer a opinião de especialistas, para formar um ponto de vista próprio sobre um assunto em discussão.

ATIVIDADES

1. O texto que você vai ler foi escrito em 2003, quando o tema das cotas começava a ser discutido por educadores/as, jornalistas e pessoas ligadas às mais diversas áreas de conhecimento. No entanto, antes de ler integralmente *O papel estratégico das cotas*, observe o título, a conclusão do texto, consulte a fonte apresentada ao final e responda:

a) O título do texto já indica o posicionamento do autor? Justifique sua resposta.

b) Quem é o autor do texto?

c) Onde o texto foi publicado? Você conhece essa fonte?

2. Agora, leia o texto:

FOLHA DE S.PAULO **opinião**

São Paulo, sexta-feira, 07 de março de 2003

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

TENDÊNCIAS/DEBATES

O papel estratégico das cotas

CARLOS VOGT

O peso das desigualdades sociais legadas pelo regime de escravidão permanece como um problema a ser solucionado no inconsciente do país. Ainda que geneticistas e antropólogos tenham provas irrefutáveis daquilo que, na prática, podemos facilmente concluir -por baixo da pele, seja parda, negra ou branca, somos todos iguais-, as oportunidades sociais ainda refletem uma desproporção exagerada em relação à distribuição racial da população brasileira.

A origem do problema que há séculos resistimos em enfrentar tem representação clara nos romances e crônicas de Machado de Assis. As relações entre brancos senhores e negros escravos, ou libertos, na obra machadiana nos ensina a compreender o Brasil de consciência infeliz e incapaz de superar as distâncias sociais que permeavam a proximidade emocional e tutelar do patriarcalismo familiar que marcou – e ainda marca – boa parte da cultura de nossas relações

individuais e institucionais.

Por exemplo, em "Memórias Póstumas de Brás Cubas", de 1880, a visão de além-túmulo que o narrador tem de si mesmo é mais crua e mais direta quando contemplada à luz de seus relacionamentos, ainda criança, com escravos da casa: "Um dia quebrei a cabeça de uma escrava porque me negara uma colher de doce de coco que estava fazendo e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho e, não satisfeito com a travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce "por pirraça"; e eu tinha seis anos".

Apenas esse excerto leva a pensar que há mais acertos do que erros, no que diz respeito à população negra brasileira, em medidas como as que contemplam cotas nas universidades ou ressarcimentos por perdas históricas para as comunidades remanescentes dos quilombos.

O Brasil fez um grande esforço intelectual para tentar resgatar as diferenças sociais decorrentes do modelo econômico que adotou no século 19. Essa produção, voltada para a formação da nação brasileira, inclui trabalhos de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Hollanda, Caio Prado Jr., Antonio Candido, Celso Furtado e outros importantes autores e mostra que a parcela de afrodescendentes da

população acabou vivendo o drama de problemas sociais decorrentes do modo de trabalho escravo.

No final do século, a libertação criou a ilusão de uma sociedade aberta, mas que, na realidade, não tinha a perspectiva de integração dos negros. A sociedade era condescendente do ponto de vista das relações inter-raciais, mas essa ilusória democracia racial carregava sérios problemas de discriminação.

A proposta de ajuste de contas com o passado que aparece na obra desses autores foi muitas vezes atropelada pelas transformações mundiais que ocorreram a partir da Segunda Grande Guerra, floresceram após a Guerra Fria e irromperam depois de um conjunto de mudanças marcadas pela queda do muro de Berlim, no final dos anos 80. Sob a égide neoliberal da globalização nos anos 90, o esforço volta-se agora para a superação dos problemas sociais que se acumularam. Dura tarefa, pois, de certo modo, os instrumentos que o neoliberalismo oferece à democracia são os mesmos que limitam a liberdade, que constitui esse regime, à liberdade de circulação financeira.

O desafio atual é o de tornar ética e social a essência pragmática da globalização. Hoje perfilado entre os

países de economia emergente, o Brasil também deve resolver os graves problemas sociais que ainda permanecem para emergir efetivamente. Entre esses problemas, que sugerem a adoção de medidas estruturais e emergenciais para serem solucionados, está a desproporcional oferta de oportunidades na área educacional a cidadãos autodeclarados brancos, pardos e negros.

É preciso que se criem condições para o pleno cumprimento do inciso IV do artigo 3º da Constituição brasileira: "Promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação". E a reserva de cotas na universidade aparece como uma política pública compensatória de caráter afirmativo para eliminar o estigma social da origem da população negra e acelerar seu acesso a todos os quadros da

hierarquia social de forma equitativa e proporcional. Dificuldades operacionais devem aparecer durante a implantação do sistema, mas elas são próprias de iniciativas que propõem mudanças efetivas na sociedade.

Em paralelo a medidas estruturais, cujos resultados aparecem no longo prazo, como a melhoria da qualidade e a ampliação do acesso à educação fundamental e média, a Lei de Cotas é mais que legítima e deve ser vista como estratégia emergencial para acelerar o processo; e deve ser substituída quando resultados mais permanentes de políticas estruturais permitirem uma distribuição equitativa, e portanto justa, das oportunidades que o conhecimento oferece.

É legítima porque mostra o lado mais espetacular, mais forte e mais aparente da desigualdade social produzida no país.

Carlos Vogt, 60, poeta e linguista, é vice-presidente da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) e presidente da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). Foi reitor da Unicamp (1990-94).

3. O autor pode ser considerado uma pessoa apta a escrever sobre o tema das cotas? Por quê?

4. O autor inicia o texto afirmando que há um problema a ser solucionado no inconsciente do País. Que problema é esse?

5. No 1º parágrafo, o autor escreve: “[...] Ainda que geneticistas e antropólogos tenham provas irrefutáveis daquilo que, na prática, podemos facilmente concluir – por baixo da pele, seja parda, negra ou branca, somos todos iguais [...]”. **Apesar** desse argumento, você acredita que se vive em uma sociedade que oferece as mesmas condições de formação escolar para todos? Justifique sua resposta.

6. O autor apresenta no 2º parágrafo um argumento para confirmar a ideia de que as diferenças sociais no Brasil atual têm a ver com a cultura instaurada pelo regime de escravidão. Qual é esse argumento?

7. Antes de tratar do papel estratégico das cotas, o autor procura mostrar o peso das **desigualdades sociais** provocadas pelo **regime de escravidão**. Qual é a relação, segundo o autor, entre um tema e outro?
